

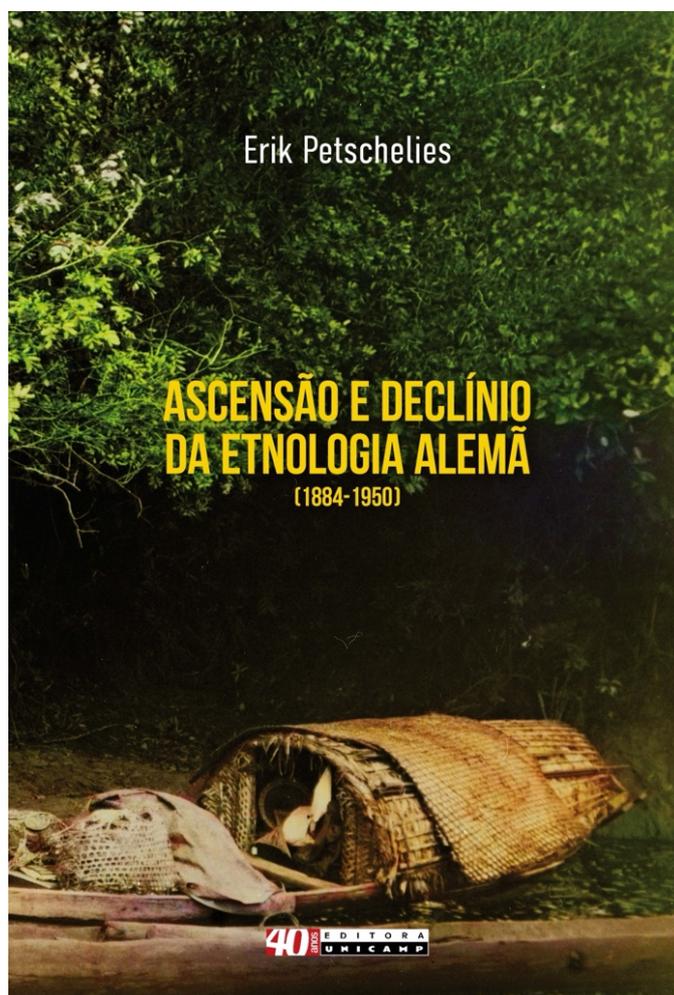
# As tramas recônditas da etnologia americanista alemã

Diogo de Godoy Santos 

Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

diogo.godoy@usp.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe226946



PETSCHELIES, Erik. 2022. *Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)*. São Paulo: Editora Unicamp.

Contrariando a tendência acadêmica atual de focar em temas mais restritos, o livro *Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)*, de Erik Petschelies, apresenta um estudo abrangente, original e exaustivo das origens, do desenvolvimento, do ápice e da lenta derrocada “de uma disciplina praticada por intelectuais alemães nascidos ao longo do século



e226946

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe226946>

XIX” (Petschelies, 2022: 41). Em especial, por aqueles cujo foco de interesse antropológico concentrou-se na investigação etnológica dos povos indígenas compreendidos na região etnográfica das terras baixas da América do Sul: Karl von den Stein (1855-1929), Paul Ehrenreich (1855-1914), Theodor Koch-Grunberg (1872-1924), Max Schmidt (1874-1950), Wilhelm Kissenberth (1878-1944) e Fritz Krause (1881-1963).

O livro não difere substancialmente da tese defendida no Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas em setembro de 2019. A escolha de um novo título para essa edição, no entanto, exprime com maior precisão o escopo analítico apresentado pelo autor. A mudança revela tanto os caminhos investigativos suscitados pelo estudo das *redes da etnografia alemã no Brasil*, quanto demonstra que os resultados da pesquisa superaram em muito a proposta inicial. Trata-se aqui não apenas da história de um capítulo importante da antropologia brasileira, interseccionada com a dos povos indígenas sul-americanos, mas de uma reavaliação atinada das contribuições etnológicas alemãs para o desenvolvimento prático e epistemológico da disciplina em termos mais gerais.

Obscurecida no pós-guerra, sobretudo após o contexto do racismo nazista, essa tradição antropológica nacional é reconsiderada por Petschelies à luz de fontes primárias ainda pouco exploradas. O material, volumoso e transnacional, inclui correspondências, diários de campo e fotografias depositados em arquivos da Alemanha, do Brasil, dos Estados Unidos, da França, do Paraguai, da Suécia e da Suíça, extraordinariamente manuseados de forma a alterar nossa percepção sobre o assunto. O estudo também se apoia em trabalhos ainda pouco divulgados nos circuitos antropológicos brasileiros, como os de Zammito (2002), Kraus (2004) e Vermeulen (2015), desempenhando, assim, um papel importante na circulação transatlântica e na internacionalização dos debates históricos e antropológicos da etnologia americanista.

A obra está organizada em quatro partes, entre a seção introdutória e a conclusiva. A primeira, intitulada “Sobre ombros de gigantes: o estabelecimento da etnologia na Alemanha”, requer do(a) leitor(a) um certo esforço expedicionário. A trajetória percorrida pelo autor atravessa um terreno histórico e epistemológico acidentado, repleto de perigos característicos da aventura genealógica. No percurso, um caminho pantanoso conectando as inferências filosóficas iluministas e românticas alemãs à disciplina empírica de campo é densamente trilhado.

Apoiado nas hipóteses de Vermeulen (2015), Petschelies argumenta que o projeto americanista alemão possui uma história longa e diversificada cuja “composição progressiva” (Petschelies, 2022: 141) remonta ao início do século XVIII. Seu corpus teórico teria se desenvolvido a partir das proposições da linguística histórica de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), experimentadas empiricamente no âmbito das expedições na Rússia realizadas por intelectuais associados à Universidade de Göttingen, à Biblioteca Imperial de Viena e à Academia Russa de Ciências. O argumento fundamenta-se em uma genealogia da prática etnográfica em conformidade com as origens precisas dos termos *Völker-Beschreibung*, ou etnografia, na obra do historiador Gerhard Friedrich Müller (1705-1783), e *Völkerkunde*, ou etnologia, na obra dos historiadores August Ludwig Schlözer (1735-1809), Johann Christoph Gatterer (1727-1799) e Adam František Kollár (1718-1783).

Empregues, inicialmente, no âmbito de pesquisas históricas e geográficas conduzidas durante as primeiras duas fases do Iluminismo alemão, esses termos teriam ganhado uma nova conceptualização na filosofia de Johann Gottfried von Herder (1744-1803). Em particular, quando fundidos às noções de *Volk* (povo) e *Geist* (espírito), alicerces, segundo Petschelies, da constituição moderna do conceito de cultura. Crítico do racionalismo estreito imputado a pensadores iluministas, tais como David Hume (1711-1776), Jean le Rond d'Alembert (1717-1783) e, sobretudo, Voltaire (1694-1778), o filósofo romântico teria fundamentado sua noção de povo em uma acepção metafísica da operação estética do pensamento humano, fazendo da linguagem o cerne da identidade comunal. Por esse viés, teria composto, no âmbito de uma filosofia da história, uma "antropologia em sentido mais amplo" (Petschelies, 2022: 73), voltada ao estudo descritivo e comparativo das essências nacionais manifestadas em línguas, costumes e tradições de diferentes povos. No mesmo momento em que teria se empenhado em coletar expressões da relação entre *Volkgeist* e linguagem, vigentes em canções populares, antecipando, desse modo, os estudos de etnologia europeia.

A abordagem metafísica do *Volksgeist*, desenvolvida por Herder, se transformaria, segundo aponta Petschelies, em um projeto comparativo das estruturas mentais inatas pelo estudo da diversidade linguística nos trabalhos de Wilhelm von Humboldt (1767-1835) que, alinhado à postura metodológica baseada no método empírico e indutivo defendido por seu irmão, o naturalista Alexander von Humboldt (1769-1859), teria estabelecido um dos principais paradigmas a ser incorporado pela etnologia moderna e transferido à antropologia americanista: a ideia de que "através do estudo da linguagem, é possível evidenciar o funcionamento da mente humana" (Petschelies, 2022: 83). A execução desse princípio científico, ancorado na coleta empírica de dados de campo, na classificação e na análise comparativo-indutiva, conformaria os fundamentos epistemológicos do projeto etnológico de Adolf Bastian (1826-1905), no Museu Real de Antropologia de Berlim, e dos expedicionários alemães circundados à instituição ou atuantes no círculo berlinense de etnólogos. Para eles, respaldados pelas propostas do fundador da etnologia moderna na Alemanha, uma das tarefas principais da disciplina consistiria, justamente, em investigar, por meio da reunião de dados de campo primários, os pensamentos elementares (*Elementargedanken*) impressos nos mitos e na cultura material, deduzidos através do estudo comparativo das línguas (Petschelies, 2022: 115). Suposição teórica que se tornaria pressuposto epistemológico da etnologia sul-americanista alemã do fim do século XIX e guiaria o interesse etnográfico por terras incógnitas, por povos isolados incólumes às influências civilizatórias europeias e pela criação de coleções etnográficas para fins científicos.

Mesmo provendo as bases históricas para uma apreciação habilidosa da gênese dos conceitos e dos parâmetros que guiaram a formação epistemológica da etnologia indígena, a primeira parte do trabalho de Petschelies é, sem qualquer clamor polemista, controversa. Embora seja amplamente aceito que a antropologia e as ciências sociais nasceram no século XVIII, a busca retrospectiva por pioneiros e a delimitação precisa do nascimento de uma ciência constituem um campo em disputa. A pesquisa delineia com esmero, desde a introdução, a ferramenta analítica utilizada para operar simultaneamente os níveis

internalistas e externalistas da análise, qual seja, “a noção de rede tal como surge no material primário” (Petschelies, 2022: 52). Mas o desejo de completude, mesclado a um certo pendor enciclopédico, enredam, parcialmente, a leitura. Ao mesmo tempo que as escolhas implicadas em um sobrevoo panorâmico de duzentos anos de história do pensamento etnológico levantam alguns problemas que merecem ser mencionados.

Tendo como foco, acima de tudo, a etnologia americanista alemã, a abordagem proposta por Petschelies circunscreve as tradições paradigmáticas da antropologia em um único contexto nacional, fazendo da sequência Leibniz, Herder, irmãos Humboldt, Bastian seus eixos sequenciais fundantes. São notórios os desafios implicados em um recorte dessa magnitude no escopo de uma tese de doutorado. Mas o destaque dado a figuras individuais e falantes de língua alemã parece demarcar antes um propósito do que a falta de fôlego e de erudição transnacionais. Subjaz à tese, do ponto de vista metodológico, um sentimento crítico à noção de *episteme* da arqueologia foucaultiana, assim como, de uma perspectiva historiográfica, há uma propensão em situar o nascimento da etnologia exclusivamente na Alemanha. Em vista disso, outras tradições antropológicas, como a francesa, por exemplo, a despeito das contribuições fundamentais de Buffon (1707-1788), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Voltaire e Joseph-François Lafitau (1681-1746) para a emergência dos discursos etnográfico e etnológico, é minguada e relegada à caricatura de racionalista, teórica e especulativa, em oposição a uma suposta vocação pioneira, empirista e romântica dos alemães.

Ao mesmo tempo, é eloquente a escolha de dedicar um capítulo inteiro a Johann Gottfried von Herder e de abreviar as contribuições de Immanuel Kant (1724-1804) em comentários peremptórios sobre sua expressão racialista. A importância da filosofia transcendental e da antropologia pragmática do filósofo de Königsberg estão longe de serem superficiais para a emergência de um saber positivo, geral e comparativo acerca do ser humano, como bem destacou o antropólogo Mauro Almeida no prefácio do livro. Sobre o assunto, aliás, nota-se uma sutil contradição por parte do autor ao afirmar, na primeira parte do estudo, de novo com Vermeulen, que “Kant não contribuiu efetivamente nem para a etnografia, nem para a etnologia, e a ele apenas deve ser creditada a invenção do conceito moderno de raça” (Petschelies, 2022: 76). A reverberação profunda da teoria do conhecimento desenvolvida na *Crítica da razão pura* (1781) para as ciências alemãs no século XIX é destacada pelo próprio Petschelies na segunda parte do livro ao comentar os fundamentos epistemológicos kantianos da teoria culturalista de Franz Boas (Petschelies, 2022: 238).

Superado, todavia, os desafios implicados nessa seção, as partes seguintes recompensam o(a) leitor(a) com fluidez, originalidade e proezas. Petschelies costura com rigor e estilo as dimensões sociais, conceituais e biográficas que dão cor, aroma e sentido aos fatores envolvidos na atividade etnográfica pioneira do fim do século XIX a meados do XX em regiões privilegiadas e pouco conhecidas das ciências europeias do período. Acompanhamos as condicionantes sociopolíticas, os itinerários e os resultados etnográficos das expedições pioneiras realizadas por ao menos duas gerações de americanistas alemães nas terras baixas da América do Sul, até o declínio da disciplina no contexto da crise econômica decorrente das duas guerras mundiais.

A jornada expedicionária se inicia na segunda parte do livro, intitulada “De crânios e palavras: a primeira geração de americanistas (1884-1899)”, que descreve e analisa as viagens de Karl von den Stein, Paul Ehrenreich e Hermann Meyer à bacia do rio Xingu e aos rios Doce, Araguaia e Purus, onde tiveram contato com grupos de línguas Jê, Tupi, Aruaque, Karib, entre outras isoladas. Petschelies reconstrói com perícia os cenários complexos que abarcaram as correlações de forças implicadas na disputa política e simbólica entre cientistas alemães, agentes governamentais brasileiros e lideranças indígenas. As reflexões mais interessantes e originais, não obstante, referem-se à prática científica dos etnólogos em campo e aos resultados etnográficos das expedições, destacando-se da seção as descrições apuradas da segunda viagem de von den Stein ao Xingu, acompanhado por Ehrenreich, e a análise detida das duas monografias resultantes dessa experiência: *Die Bakairi-Sprache* (1892) [*A língua Bakairi*] e *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens* (1893) [*Entre os aborígenes do Brasil Central*].

Realizada entre julho e dezembro de 1887, a expedição visitou um conjunto expressivo de grupos indígenas do sistema multiétnico e multilinguístico alto xinguano, produzindo registros pioneiros da cultura material, das artes verbais, dos grafismos e da matemática indígenas produzidas pelos povos Bakairi, Nahukwá, Mehinako, Kamaiurá, Aweti, Yawalapiti, Trumai, Paresi e Bororo. Os resultados publicados em livro instituíram a reflexão etnológica sul-americanista e xingwana em conformidade com temas e conceitos correntes da antropologia do período, introduzindo o continente e a região no debate internacional da disciplina. A partir do material apresentado nas duas monografias, sendo a primeira praticamente desconhecida no Brasil, Petschelies propõe uma interpretação restaurada do problema intersemiótico nas traduções interlineares da língua e dos mitos Bakairi realizada por von den Stein e explora as concepções estéticas do etnólogo alemão acerca das máscaras indígenas, em diálogo com debates recentes da etnologia americanista contemporânea.

A "continuidade do projeto alemão de mapear as regiões etnográficas brasileiras e sul-americanas" (Petschelies, 2022: 356) é o foco da terceira parte do livro, intitulada "Mitologia e técnica, arte e política: a segunda geração de americanistas (1900-1913)". A seção abrange a trajetória profissional dos etnólogos Max Schmidt, Theodor Koch-Grunberg e Fritz Krause, em suas viagens ao Xingu, ao Alto Rio Negro e ao Araguaia, além da famosa excursão de Koch-Grunberg ao norte do Brasil e da Venezuela, que resultou no clássico da etnologia indígena no Brasil, *Vom Roraima zum Orinoco* (1916-1928) [*Do Roraima ao Orinoco*]

Entre as duas gerações examinadas, o autor sublinha as alterações nos padrões etnográficos, nos fins etnológicos e “nas estruturas sociais e políticas em cujo interior a pesquisa de campo era realizada” (Petschelies, 2022: 317). Assim, por exemplo, o itinerário de Koch-Grunberg em sua primeira expedição ao Alto Rio Negro é entrelaçado às condições ambivalentes e conflituosas das relações de poder e dos interesses estratégicos implicados nos contextos sociais que marcaram a situação sociopolítica amazônica no início do século XX, com o *boom* da economia da borracha e a decorrente escravização brutal das populações indígenas. A neutralidade e a atenuação das relações opressivas por parte do etnólogo são interpretadas por Petschelies como cálculos pragmáticos, ou, em suas palavras, “vista grossa” (Petschelies, 2022: 363), como no caso do resguardo oferecido por Dom Germano, um dos

principais empresários do setor borracheiro, que mantinha indígenas na condição de escravizados por dívida, mas “oferecia as condicionantes logísticas, materiais e psicológicas para a execução da pesquisa” (Petschelies, 2022: 363).

Por fim, a desidratação institucional, financeira e profissional da etnologia e da etnografia alemãs, decorrentes da Grande Guerra e da subsequente crise econômica e social imposta à Alemanha pelo Tratado de Versalhes, são os temas da quarta e última parte do livro, intitulada “O crepúsculo dos americanistas (1914-1950)”. Nessa seção, Petschelies sublinha a dimensão humanitária dos efeitos da guerra na vida pessoal das duas gerações de etnólogos estudadas no livro, assim como descreve e analisa os impactos financeiros e profissionais do conflito na etnologia americanista nas primeiras décadas do século XX.

Como nos mostra o autor, nesse contexto, diversos etnólogos, como Max Schmidt, Koch-Grunberg e Kissenberth, em diferentes funções e posicionamentos ideológicos, foram recrutados pelo exército alemão para servirem no conflito e tiveram que interromper suas atividades científicas. Ao mesmo tempo em que a drenagem dos fundos de financiamento e a tensão geopolítica entre países aliados à tríplice entente e à tríplice aliança inviabilizaram as viagens, a comunicação e as colaborações transnacionais que mantinham em vigor a circulação de pessoas, objetos e ideias. Desse quadro, a tragédia pessoal do pioneiro da disciplina, Karl von den Stein, agravada pela morte de um filho de 18 anos, pelo esfacelamento de seu patrimônio e pela impossibilidade de se retomar o trabalho coletivo primordial à antropologia é representativa dos estertores da etnologia alemã no pós-guerra. Ao passo que, ao final, a trajetória de ascensão e declínio dessa disciplina, tratada ao longo de toda a obra, atesta a hipótese que subjaz a iniciativa de Petschelies ao historicizá-la em longa duração: a de que “o fazer antropológico – e a ciência em geral – está imbricado a teias sociais historicamente construídas e subjetivamente mantidas” (Petschelies, 2022: 575).

É incerto o impacto que terá o livro de Petschelies, pesquisador que transitou em seu percurso acadêmico em instituições como a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de São Paulo entre os estudos etnológicos e historiográficos, na etnologia indígena no Brasil. Mesmo com resultados linguísticos e etnológicos confirmados por pesquisas posteriores e, em alguns casos, com a “capacidade de promulgar questões metodológicas e etnográficas até o presente” (Petschelies, 2022: 517),<sup>1</sup> muitos dos juízos e preocupações temáticas do americanismo alemão abordado pela pesquisa contrastam com as transformações sociais e científicas pelas quais passou a disciplina a partir da segunda metade do século XX. Para o campo historiográfico da antropologia no país, todavia, a pesquisa representa um feito notável cujo rendimento vultuoso deverá reverberar no trabalho de pessoas atuantes na área e contribuir para um melhor conhecimento da trajetória histórica da etnologia alemã no Brasil em diálogo com trabalhos anteriores, tais como os de Welper (2002) e Françoze (2004). Trata-se, imediatamente, de uma obra de referência que merecerá duradoura atenção nos circuitos antropológicos brasileiros, mesmo entre aqueles(as) que discordem de seus aportes teórico-metodológicos ou se inquietem com seu perfil pantólogo.

---

<sup>1</sup> Como, por exemplo, de acordo com Petschelies (2022: 518-519) os questionamentos epistemológicos sobre a noção de “povo” propostos por Max Schmidt na obra *Die Aruaken* (1917) [*Os Aruaques*].

## Referências Bibliográficas

FRANÇOZO, Mariana. 2004. *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Campinas, dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp.

KRAUS, Michael. 2004. *Bildungsbürger in Urwald. Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1900)*. Marburg: Curupira Verlag.

PETSCHLIES, Erik. 2022. *Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)*. Campinas: Editora da Unicamp.

WELPER, Elena. 2002. *Curt Unkel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/MNRJ, Rio de Janeiro.

VERMEULEN, Han. 2015. *Before Boas: The Genesis of Ethnography and Ethnology in the German Enlightenment*. Lincoln/London: University of Nebraska Press.

ZAMMITO, John H. 2002. *Kant, Herder, and the Birth of Anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press.

## sobre o resenhista

### Diogo de Godoy Santos

Doutorando e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Atua na área de Antropologia, com ênfase em História da Antropologia, Teoria Antropológica e Pensamento Social no Brasil.

**Autoria:** O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo n. 2021/12687-7).

Recebido em 09/07/2024.

Aprovado para publicação em 14/08/2024.